As tiranias sicilianas do início do século V a.C.: aspetos ideológicos do poder: parte I – a colonização grega da Sicília

Autor(es): Carmo, Filipe do

Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/33006>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_22_10

Accessed : 26-Apr-2023 06:23:51

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

22

𐀀𐀁𐀂𐀃𐀄𐀅𐀆𐀇𐀈𐀉𐀊𐀋𐀌𐀍𐀎𐀏𐀐𐀑𐀒𐀓𐀔𐀕𐀖𐀗𐀘𐀙𐀚𐀛𐀜𐀝𐀞𐀟𐀠𐀡𐀢𐀣𐀤𐀥𐀦𐀧𐀨𐀩𐀪𐀫𐀬𐀭𐀮𐀯𐀰𐀱𐀲𐀳𐀴𐀵𐀶𐀷𐀸𐀹𐀺𐀻𐀼𐀽𐀾𐀿𐁀𐁁𐁂𐁃𐁄𐁅𐁆𐁇𐁈𐁉𐁊𐁋𐁌𐁍𐁎𐁏𐁐𐁑𐁒𐁓𐁔𐁕𐁖𐁗𐁘𐁙𐁚𐁛𐁜𐁝𐁞𐁟𐁠𐁡𐁢𐁣𐁤𐁥𐁦𐁧𐁨𐁩𐁪𐁫𐁬𐁭𐁮𐁯𐁰𐁱𐁲𐁳𐁴𐁵𐁶𐁷𐁸𐁹𐁺𐁻𐁼𐁽𐁾𐁿𐂀𐂁𐂂𐂃𐂄𐂅𐂆𐂇𐂈𐂉𐂊𐂋𐂌𐂍𐂎𐂏𐂐𐂑𐂒𐂓𐂔𐂕𐂖𐂗𐂘𐂙𐂚𐂛𐂜𐂝𐂞𐂟𐂠𐂡𐂢𐂣𐂤𐂥𐂦𐂧𐂨𐂩𐂪𐂫𐂬𐂭𐂮𐂯𐂰𐂱𐂲𐂳𐂴𐂵𐂶𐂷𐂸𐂹𐂺𐂻𐂼𐂽𐂾𐂿𐃀𐃁𐃂𐃃𐃄𐃅𐃆𐃇𐃈𐃉𐃊𐃋𐃌𐃍𐃎𐃏𐃐𐃑𐃒𐃓𐃔𐃕𐃖𐃗𐃘𐃙𐃚𐃛𐃜𐃝𐃞𐃟𐃠𐃡𐃢𐃣𐃤𐃥𐃦𐃧𐃨𐃩𐃪𐃫𐃬𐃭𐃮𐃯𐃰𐃱𐃲𐃳𐃴𐃵𐃶𐃷𐃸𐃹𐃺𐃻𐃼𐃽𐃾𐃿𐄀𐄁𐄂𐄃𐄄𐄅𐄆𐄇𐄈𐄉𐄊𐄋𐄌𐄍𐄎𐄏𐄐𐄑𐄒𐄓𐄔𐄕𐄖𐄗𐄘𐄙𐄚𐄛𐄜𐄝𐄞𐄟𐄠𐄡𐄢𐄣𐄤𐄥𐄦𐄧𐄨𐄩𐄪𐄫𐄬𐄭𐄮𐄯𐄰𐄱𐄲𐄳𐄴𐄵𐄶𐄷𐄸𐄹𐄺𐄻𐄼𐄽𐄾𐄿𐅀𐅁𐅂𐅃𐅄𐅅𐅆𐅇𐅈𐅉𐅊𐅋𐅌𐅍𐅎𐅏𐅐𐅑𐅒𐅓𐅔𐅕𐅖𐅗𐅘𐅙𐅚𐅛𐅜𐅝𐅞𐅟𐅠𐅡𐅢𐅣𐅤𐅥𐅦𐅧𐅨𐅩𐅪𐅫𐅬𐅭𐅮𐅯𐅰𐅱𐅲𐅳𐅴𐅵𐅶𐅷𐅸𐅹𐅺𐅻𐅼𐅽𐅾𐅿𐆀𐆁𐆂𐆃𐆄𐆅𐆆𐆇𐆈𐆉𐆊𐆋𐆌𐆍𐆎𐆏𐆐𐆑𐆒𐆓𐆔𐆕𐆖𐆗𐆘𐆙𐆚𐆛𐆜𐆝𐆞𐆟𐆠𐆡𐆢𐆣𐆤𐆥𐆦𐆧𐆨𐆩𐆪𐆫𐆬𐆭𐆮𐆯𐆰𐆱𐆲𐆳𐆴𐆵𐆶𐆷𐆸𐆹𐆺𐆻𐆼𐆽𐆾𐆿𐇀𐇁𐇂𐇃𐇄𐇅𐇆𐇇𐇈𐇉𐇊𐇋𐇌𐇍𐇎𐇏𐇐𐇑𐇒𐇓𐇔𐇕𐇖𐇗𐇘𐇙𐇚𐇛𐇜𐇝𐇞𐇟𐇠𐇡𐇢𐇣𐇤𐇥𐇦𐇧𐇨𐇩𐇪𐇫𐇬𐇭𐇮𐇯𐇰𐇱𐇲𐇳𐇴𐇵𐇶𐇷𐇸𐇹𐇺𐇻𐇼𐇽𐇾𐇿𐈀𐈁𐈂𐈃𐈄𐈅𐈆𐈇𐈈𐈉𐈊𐈋𐈌𐈍𐈎𐈏𐈐𐈑𐈒𐈓𐈔𐈕𐈖𐈗𐈘𐈙𐈚𐈛𐈜𐈝𐈞𐈟𐈠𐈡𐈢𐈣𐈤𐈥𐈦𐈧𐈨𐈩𐈪𐈫𐈬𐈭𐈮𐈯𐈰𐈱𐈲𐈳𐈴𐈵𐈶𐈷𐈸𐈹𐈺𐈻𐈼𐈽𐈾𐈿𐉀𐉁𐉂𐉃𐉄𐉅𐉆𐉇𐉈𐉉𐉊𐉋𐉌𐉍𐉎𐉏𐉐𐉑𐉒𐉓𐉔𐉕𐉖𐉗𐉘𐉙𐉚𐉛𐉜𐉝𐉞𐉟𐉠𐉡𐉢𐉣𐉤𐉥𐉦𐉧𐉨𐉩𐉪𐉫𐉬𐉭𐉮𐉯𐉰𐉱𐉲𐉳𐉴𐉵𐉶𐉷𐉸𐉹𐉺𐉻𐉼𐉽𐉾𐉿𐊀𐊁𐊂𐊃𐊄𐊅𐊆𐊇𐊈𐊉𐊊𐊋𐊌𐊍𐊎𐊏𐊐𐊑𐊒𐊓𐊔𐊕𐊖𐊗𐊘𐊙𐊚𐊛𐊜𐊝𐊞𐊟𐊠𐊡𐊢𐊣𐊤𐊥𐊦𐊧𐊨𐊩𐊪𐊫𐊬𐊭𐊮𐊯𐊰𐊱𐊲𐊳𐊴𐊵𐊶𐊷𐊸𐊹𐊺𐊻𐊼𐊽𐊾𐊿𐋀𐋁𐋂𐋃𐋄𐋅𐋆𐋇𐋈𐋉𐋊𐋋𐋌𐋍𐋎𐋏𐋐𐋑𐋒𐋓𐋔𐋕𐋖𐋗𐋘𐋙𐋚𐋛𐋜𐋝𐋞𐋟𐋠𐋡𐋢𐋣𐋤𐋥𐋦𐋧𐋨𐋩𐋪𐋫𐋬𐋭𐋮𐋯𐋰𐋱𐋲𐋳𐋴𐋵𐋶𐋷𐋸𐋹𐋺𐋻𐋼𐋽𐋾𐋿𐌀𐌁𐌂𐌃𐌄𐌅𐌆𐌇𐌈𐌉𐌊𐌋𐌌𐌍𐌎𐌏𐌐𐌑𐌒𐌓𐌔𐌕𐌖𐌗𐌘𐌙𐌚𐌛𐌜𐌝𐌞𐌟𐌠𐌡𐌢𐌣𐌤𐌥𐌦𐌧𐌨𐌩𐌪𐌫𐌬𐌭𐌮𐌯𐌰𐌱𐌲𐌳𐌴𐌵𐌶𐌷𐌸𐌹𐌺𐌻𐌼𐌽𐌾𐌿𐍀𐍁𐍂𐍃𐍄𐍅𐍆𐍇𐍈𐍉𐍊𐍋𐍌𐍍𐍎𐍏𐍐𐍑𐍒𐍓𐍔𐍕𐍖𐍗𐍘𐍙𐍚𐍛𐍜𐍝𐍞𐍟𐍠𐍡𐍢𐍣𐍤𐍥𐍦𐍧𐍨𐍩𐍪𐍫𐍬𐍭𐍮𐍯𐍰𐍱𐍲𐍳𐍴𐍵𐍶𐍷𐍸𐍹𐍺𐍻𐍼𐍽𐍾𐍿𐎀𐎁𐎂𐎃𐎄𐎅𐎆𐎇𐎈𐎉𐎊𐎋𐎌𐎍𐎎𐎏𐎐𐎑𐎒𐎓𐎔𐎕𐎖𐎗𐎘𐎙𐎚𐎛𐎜𐎝𐎞𐎟𐎠𐎡𐎢𐎣𐎤𐎥𐎦𐎧𐎨𐎩𐎪𐎫𐎬𐎭𐎮𐎯𐎰𐎱𐎲𐎳𐎴𐎵𐎶𐎷𐎸𐎹𐎺𐎻𐎼𐎽𐎾𐎿𐏀𐏁𐏂𐏃𐏄𐏅𐏆𐏇𐏈𐏉𐏊𐏋𐏌𐏍𐏎𐏏𐏐𐏑𐏒𐏓𐏔𐏕𐏖𐏗𐏘𐏙𐏚𐏛𐏜𐏝𐏞𐏟𐏠𐏡𐏢𐏣𐏤𐏥𐏦𐏧𐏨𐏩𐏪𐏫𐏬𐏭𐏮𐏯𐏰𐏱𐏲𐏳𐏴𐏵𐏶𐏷𐏸𐏹𐏺𐏻𐏼𐏽𐏾𐏿𐐀𐐁𐐂𐐃𐐄𐐅𐐆𐐇𐐈𐐉𐐊𐐋𐐌𐐍𐐎𐐏𐐐𐐑𐐒𐐓𐐔𐐕𐐖𐐗𐐘𐐙𐐚𐐛𐐜𐐝𐐞𐐟𐐠𐐡𐐢𐐣𐐤𐐥𐐦𐐧𐐨𐐩𐐪𐐫𐐬𐐭𐐮𐐯𐐰𐐱𐐲𐐳𐐴𐐵𐐶𐐷𐐸𐐹𐐺𐐻𐐼𐐽𐐾𐐿𐑀𐑁𐑂𐑃𐑄𐑅𐑆𐑇𐑈𐑉𐑊𐑋𐑌𐑍𐑎𐑏𐑐𐑑𐑒𐑓𐑔𐑕𐑖𐑗𐑘𐑙𐑚𐑛𐑜𐑝𐑞𐑟𐑠𐑡𐑢𐑣𐑤𐑥𐑦𐑧𐑨𐑩𐑪𐑫𐑬𐑭𐑮𐑯𐑰𐑱𐑲𐑳𐑴𐑵𐑶𐑷𐑸𐑹𐑺𐑻𐑼𐑽𐑾𐑿𐒀𐒁𐒂𐒃𐒄𐒅𐒆𐒇𐒈𐒉𐒊𐒋𐒌𐒍𐒎𐒏𐒐𐒑𐒒𐒓𐒔𐒕𐒖𐒗𐒘𐒙𐒚𐒛𐒜𐒝𐒞𐒟𐒠𐒡𐒢𐒣𐒤𐒥𐒦𐒧𐒨𐒩𐒪𐒫𐒬𐒭𐒮𐒯𐒰𐒱𐒲𐒳𐒴𐒵𐒶𐒷𐒸𐒹𐒺𐒻𐒼𐒽𐒾𐒿𐓀𐓁𐓂𐓃𐓄𐓅𐓆𐓇𐓈𐓉𐓊𐓋𐓌𐓍𐓎𐓏𐓐𐓑𐓒𐓓𐓔𐓕𐓖𐓗𐓘𐓙𐓚𐓛𐓜𐓝𐓞𐓟𐓠𐓡𐓢𐓣𐓤𐓥𐓦𐓧𐓨𐓩𐓪𐓫𐓬𐓭𐓮𐓯𐓰𐓱𐓲𐓳𐓴𐓵𐓶𐓷𐓸𐓹𐓺𐓻𐓼𐓽𐓾𐓿𐔀𐔁𐔂𐔃𐔄𐔅𐔆𐔇𐔈𐔉𐔊𐔋𐔌𐔍𐔎𐔏𐔐𐔑𐔒𐔓𐔔𐔕𐔖𐔗𐔘𐔙𐔚𐔛𐔜𐔝𐔞𐔟𐔠𐔡𐔢𐔣𐔤𐔥𐔦𐔧𐔨𐔩𐔪𐔫𐔬𐔭𐔮𐔯𐔰𐔱𐔲𐔳𐔴𐔵𐔶𐔷𐔸𐔹𐔺𐔻𐔼𐔽𐔾𐔿𐕀𐕁𐕂𐕃𐕄𐕅𐕆𐕇𐕈𐕉𐕊𐕋𐕌𐕍𐕎𐕏𐕐𐕑𐕒𐕓𐕔𐕕𐕖𐕗𐕘𐕙𐕚𐕛𐕜𐕝𐕞𐕟𐕠𐕡𐕢𐕣𐕤𐕥𐕦𐕧𐕨𐕩𐕪𐕫𐕬𐕭𐕮𐕯𐕰𐕱𐕲𐕳𐕴𐕵𐕶𐕷𐕸𐕹𐕺𐕻𐕼𐕽𐕾𐕿𐖀𐖁𐖂𐖃𐖄𐖅𐖆𐖇𐖈𐖉𐖊𐖋𐖌𐖍𐖎𐖏𐖐𐖑𐖒𐖓𐖔𐖕𐖖𐖗𐖘𐖙𐖚𐖛𐖜𐖝𐖞𐖟𐖠𐖡𐖢𐖣𐖤𐖥𐖦𐖧𐖨𐖩𐖪𐖫𐖬𐖭𐖮𐖯𐖰𐖱𐖲𐖳𐖴𐖵𐖶𐖷𐖸𐖹𐖺𐖻𐖼𐖽𐖾𐖿𐗀𐗁𐗂𐗃𐗄𐗅𐗆𐗇𐗈𐗉𐗊𐗋𐗌𐗍𐗎𐗏𐗐𐗑𐗒𐗓𐗔𐗕𐗖𐗗𐗘𐗙𐗚𐗛𐗜𐗝𐗞𐗟𐗠𐗡𐗢𐗣𐗤𐗥𐗦𐗧𐗨𐗩𐗪𐗫𐗬𐗭𐗮𐗯𐗰𐗱𐗲𐗳𐗴𐗵𐗶𐗷𐗸𐗹𐗺𐗻𐗼𐗽𐗾𐗿𐘀𐘁𐘂𐘃𐘄𐘅𐘆𐘇𐘈𐘉𐘊𐘋𐘌𐘍𐘎𐘏𐘐𐘑𐘒𐘓𐘔𐘕𐘖𐘗𐘘𐘙𐘚𐘛𐘜𐘝𐘞𐘟𐘠𐘡𐘢𐘣𐘤𐘥𐘦𐘧𐘨𐘩𐘪𐘫𐘬𐘭𐘮𐘯𐘰𐘱𐘲𐘳𐘴𐘵𐘶𐘷𐘸𐘹𐘺𐘻𐘼𐘽𐘾𐘿𐙀𐙁𐙂𐙃𐙄𐙅𐙆𐙇𐙈𐙉𐙊𐙋𐙌𐙍𐙎𐙏𐙐𐙑𐙒𐙓𐙔𐙕𐙖𐙗𐙘𐙙𐙚𐙛𐙜𐙝𐙞𐙟𐙠𐙡𐙢𐙣𐙤𐙥𐙦𐙧𐙨𐙩𐙪𐙫𐙬𐙭𐙮𐙯𐙰𐙱𐙲𐙳𐙴𐙵𐙶𐙷𐙸𐙹𐙺𐙻𐙼𐙽𐙾𐙿𐚀𐚁𐚂𐚃𐚄𐚅𐚆𐚇𐚈𐚉𐚊𐚋𐚌𐚍𐚎𐚏𐚐𐚑𐚒𐚓𐚔𐚕𐚖𐚗𐚘𐚙𐚚𐚛𐚜𐚝𐚞𐚟𐚠𐚡𐚢𐚣𐚤𐚥𐚦𐚧𐚨𐚩𐚪𐚫𐚬𐚭𐚮𐚯𐚰𐚱𐚲𐚳𐚴𐚵𐚶𐚷𐚸𐚹𐚺𐚻𐚼𐚽𐚾𐚿𐛀𐛁𐛂𐛃𐛄𐛅𐛆𐛇𐛈𐛉𐛊𐛋𐛌𐛍𐛎𐛏𐛐𐛑𐛒𐛓𐛔𐛕𐛖𐛗𐛘𐛙𐛚𐛛𐛜𐛝𐛞𐛟𐛠𐛡𐛢𐛣𐛤𐛥𐛦𐛧𐛨𐛩𐛪𐛫𐛬𐛭𐛮𐛯𐛰𐛱𐛲𐛳𐛴𐛵𐛶𐛷𐛸𐛹𐛺𐛻𐛼𐛽𐛾𐛿𐜀𐜁𐜂𐜃𐜄𐜅𐜆𐜇𐜈𐜉𐜊𐜋𐜌𐜍𐜎𐜏𐜐𐜑𐜒𐜓𐜔𐜕𐜖𐜗𐜘𐜙𐜚𐜛𐜜𐜝𐜞𐜟𐜠𐜡𐜢𐜣𐜤𐜥𐜦𐜧𐜨𐜩𐜪𐜫𐜬𐜭𐜮𐜯𐜰𐜱𐜲𐜳𐜴𐜵𐜶𐜷𐜸𐜹𐜺𐜻𐜼𐜽𐜾𐜿𐝀𐝁𐝂𐝃𐝄𐝅𐝆𐝇𐝈𐝉𐝊𐝋𐝌𐝍𐝎𐝏𐝐𐝑𐝒𐝓𐝔𐝕𐝖𐝗𐝘𐝙𐝚𐝛𐝜𐝝𐝞𐝟𐝠𐝡𐝢𐝣𐝤𐝥𐝦𐝧𐝨𐝩𐝪𐝫𐝬𐝭𐝮𐝯𐝰𐝱𐝲𐝳𐝴𐝵𐝶𐝷𐝸𐝹𐝺𐝻𐝼𐝽𐝾𐝿𐞀𐞁𐞂𐞃𐞄𐞅𐞆𐞇𐞈𐞉𐞊𐞋𐞌𐞍𐞎𐞏𐞐𐞑𐞒𐞓𐞔𐞕𐞖𐞗𐞘𐞙𐞚𐞛𐞜𐞝𐞞𐞟𐞠𐞡𐞢𐞣𐞤𐞥𐞦𐞧𐞨𐞩𐞪𐞫𐞬𐞭𐞮𐞯𐞰𐞱𐞲𐞳𐞴𐞵𐞶𐞷𐞸𐞹𐞺𐞻𐞼𐞽𐞾𐞿𐟀𐟁𐟂𐟃𐟄𐟅𐟆𐟇𐟈𐟉𐟊𐟋𐟌𐟍𐟎𐟏𐟐𐟑𐟒𐟓𐟔𐟕𐟖𐟗𐟘𐟙𐟚𐟛𐟜𐟝𐟞𐟟𐟠𐟡𐟢𐟣𐟤𐟥𐟦𐟧𐟨𐟩𐟪𐟫𐟬𐟭𐟮𐟯𐟰𐟱𐟲𐟳𐟴𐟵𐟶𐟷𐟸𐟹𐟺𐟻𐟼𐟽𐟾𐟿𐠀𐠁𐠂𐠃𐠄𐠅𐠆𐠇𐠈𐠉𐠊𐠋𐠌𐠍𐠎𐠏𐠐𐠑𐠒𐠓𐠔𐠕𐠖𐠗𐠘𐠙𐠚𐠛𐠜𐠝𐠞𐠟𐠠𐠡𐠢𐠣𐠤𐠥𐠦𐠧𐠨𐠩𐠪𐠫𐠬𐠭𐠮𐠯𐠰𐠱𐠲𐠳𐠴𐠵𐠶𐠷𐠸𐠹𐠺𐠻𐠼𐠽𐠾𐠿𐡀𐡁𐡂𐡃𐡄𐡅𐡆𐡇𐡈𐡉𐡊𐡋𐡌𐡍𐡎𐡏𐡐𐡑𐡒𐡓𐡔𐡕𐡖𐡗𐡘𐡙𐡚𐡛𐡜𐡝𐡞𐡟𐡠𐡡𐡢𐡣𐡤𐡥𐡦𐡧𐡨𐡩𐡪𐡫𐡬𐡭𐡮𐡯𐡰𐡱𐡲𐡳𐡴𐡵𐡶𐡷𐡸𐡹𐡺𐡻𐡼𐡽𐡾𐡿𐢀𐢁𐢂𐢃𐢄𐢅𐢆𐢇𐢈𐢉𐢊𐢋𐢌𐢍𐢎𐢏𐢐𐢑𐢒𐢓𐢔𐢕𐢖𐢗𐢘𐢙𐢚𐢛𐢜𐢝𐢞𐢟𐢠𐢡𐢢𐢣𐢤𐢥𐢦𐢧𐢨𐢩𐢪𐢫𐢬𐢭𐢮𐢯𐢰𐢱𐢲𐢳𐢴𐢵𐢶𐢷𐢸𐢹𐢺𐢻𐢼𐢽𐢾𐢿𐣀𐣁𐣂𐣃𐣄𐣅𐣆𐣇𐣈𐣉𐣊𐣋𐣌𐣍𐣎𐣏𐣐𐣑𐣒𐣓𐣔𐣕𐣖𐣗𐣘𐣙𐣚𐣛𐣜𐣝𐣞𐣟𐣠𐣡𐣢𐣣𐣤𐣥𐣦𐣧𐣨𐣩𐣪𐣫𐣬𐣭𐣮𐣯𐣰𐣱𐣲𐣳𐣴𐣵𐣶𐣷𐣸𐣹𐣺𐣻𐣼𐣽𐣾𐣿𐤀𐤁𐤂𐤃𐤄𐤅𐤆𐤇𐤈𐤉𐤊𐤋𐤌𐤍𐤎𐤏𐤐𐤑𐤒𐤓𐤔𐤕𐤖𐤗𐤘𐤙𐤚𐤛𐤜𐤝𐤞𐤟𐤠𐤡𐤢𐤣𐤤𐤥𐤦𐤧𐤨𐤩𐤪𐤫𐤬𐤭𐤮𐤯𐤰𐤱𐤲𐤳𐤴𐤵𐤶𐤷𐤸𐤹𐤺𐤻𐤼𐤽𐤾𐤿𐥀𐥁𐥂𐥃𐥄𐥅𐥆𐥇𐥈𐥉𐥊𐥋𐥌𐥍𐥎𐥏𐥐𐥑𐥒𐥓𐥔𐥕𐥖𐥗𐥘𐥙𐥚𐥛𐥜𐥝𐥞𐥟𐥠𐥡𐥢𐥣𐥤𐥥𐥦𐥧𐥨𐥩𐥪𐥫𐥬𐥭𐥮𐥯𐥰𐥱𐥲𐥳𐥴𐥵𐥶𐥷𐥸𐥹𐥺𐥻𐥼𐥽𐥾𐥿𐦀𐦁𐦂𐦃𐦄𐦅𐦆𐦇𐦈𐦉𐦊𐦋𐦌𐦍𐦎𐦏𐦐𐦑𐦒𐦓𐦔𐦕𐦖𐦗𐦘𐦙𐦚𐦛𐦜𐦝𐦞𐦟𐦠𐦡𐦢𐦣𐦤𐦥𐦦𐦧𐦨𐦩𐦪𐦫𐦬𐦭𐦮𐦯𐦰𐦱𐦲𐦳𐦴𐦵𐦶𐦷𐦸𐦹𐦺𐦻𐦼𐦽𐦾𐦿𐧀𐧁𐧂𐧃𐧄𐧅𐧆𐧇𐧈𐧉𐧊𐧋𐧌𐧍𐧎𐧏𐧐𐧑𐧒𐧓𐧔𐧕𐧖𐧗𐧘𐧙𐧚𐧛𐧜𐧝𐧞𐧟𐧠𐧡𐧢𐧣𐧤𐧥𐧦𐧧𐧨𐧩𐧪𐧫𐧬𐧭𐧮𐧯𐧰𐧱𐧲𐧳𐧴𐧵𐧶𐧷𐧸𐧹𐧺𐧻𐧼𐧽𐧾𐧿𐨀𐨁𐨂𐨃𐨄𐨅𐨆𐨇𐨈𐨉𐨊𐨋𐨌𐨍𐨎𐨏𐨐𐨑𐨒𐨓𐨔𐨕𐨖𐨗𐨘𐨙𐨚𐨛𐨜𐨝𐨞𐨟𐨠𐨡𐨢𐨣𐨤𐨥𐨦𐨧𐨨𐨩𐨪𐨫𐨬𐨭𐨮𐨯𐨰𐨱𐨲𐨳𐨴𐨵𐨶𐨷𐨹𐨺𐨸𐨻𐨼𐨽𐨾𐨿𐩀𐩁𐩂𐩃𐩄𐩅𐩆𐩇𐩈𐩉𐩊𐩋𐩌𐩍𐩎𐩏𐩐𐩑𐩒𐩓𐩔𐩕𐩖𐩗𐩘𐩙𐩚𐩛𐩜𐩝𐩞𐩟𐩠𐩡𐩢𐩣𐩤𐩥𐩦𐩧𐩨𐩩𐩪𐩫𐩬𐩭𐩮𐩯𐩰𐩱𐩲𐩳𐩴𐩵𐩶𐩷𐩸𐩹𐩺𐩻𐩼𐩽𐩾𐩿𐪀𐪁𐪂𐪃𐪄𐪅𐪆𐪇𐪈𐪉𐪊𐪋𐪌𐪍𐪎𐪏𐪐𐪑𐪒𐪓𐪔𐪕𐪖𐪗𐪘𐪙𐪚𐪛𐪜𐪝𐪞𐪟𐪠𐪡𐪢𐪣𐪤𐪥𐪦𐪧𐪨𐪩𐪪𐪫𐪬𐪭𐪮𐪯𐪰𐪱𐪲𐪳𐪴𐪵𐪶𐪷𐪸𐪹𐪺𐪻𐪼𐪽𐪾𐪿𐫀𐫁𐫂𐫃𐫄𐫅𐫆𐫇𐫈𐫉𐫊𐫋𐫌𐫍𐫎𐫏𐫐𐫑𐫒𐫓𐫔𐫕𐫖𐫗𐫘𐫙𐫚𐫛𐫜𐫝𐫞𐫟𐫠𐫡𐫢𐫣𐫤𐫦𐫥𐫧𐫨𐫩𐫪𐫫𐫬𐫭𐫮𐫯𐫰𐫱𐫲𐫳𐫴𐫵𐫶𐫷𐫸𐫹𐫺𐫻𐫼𐫽𐫾𐫿𐬀𐬁𐬂𐬃𐬄𐬅𐬆𐬇𐬈𐬉𐬊𐬋𐬌𐬍𐬎𐬏𐬐𐬑𐬒𐬓𐬔𐬕𐬖𐬗𐬘𐬙𐬚𐬛𐬜𐬝𐬞𐬟𐬠𐬡𐬢𐬣𐬤𐬥𐬦𐬧𐬨𐬩𐬪𐬫𐬬𐬭𐬮𐬯𐬰𐬱𐬲𐬳𐬴𐬵𐬶𐬷𐬸𐬹𐬺𐬻𐬼𐬽𐬾𐬿𐭀𐭁𐭂𐭃𐭄𐭅𐭆𐭇𐭈𐭉𐭊𐭋𐭌𐭍𐭎𐭏𐭐𐭑𐭒𐭓𐭔𐭕𐭖𐭗𐭘𐭙𐭚𐭛𐭜𐭝𐭞𐭟𐭠𐭡𐭢𐭣𐭤𐭥𐭦𐭧𐭨𐭩𐭪𐭫𐭬𐭭𐭮𐭯𐭰𐭱𐭲𐭳𐭴𐭵𐭶𐭷𐭸𐭹𐭺𐭻𐭼𐭽𐭾𐭿𐮀𐮁𐮂𐮃𐮄𐮅𐮆𐮇𐮈𐮉𐮊𐮋𐮌𐮍𐮎𐮏𐮐𐮑𐮒𐮓𐮔𐮕𐮖𐮗𐮘𐮙𐮚𐮛𐮜𐮝𐮞𐮟𐮠𐮡𐮢𐮣𐮤𐮥𐮦𐮧𐮨𐮩𐮪𐮫𐮬𐮭𐮮𐮯𐮰𐮱𐮲𐮳𐮴𐮵𐮶𐮷𐮸𐮹𐮺𐮻𐮼𐮽𐮾𐮿𐯀𐯁𐯂𐯃𐯄𐯅𐯆𐯇𐯈𐯉𐯊𐯋𐯌𐯍𐯎𐯏𐯐𐯑𐯒𐯓𐯔𐯕𐯖

AS TIRANIAS SICILIANAS DO INÍCIO DO SÉCULO V A.C. ASPETOS IDEOLÓGICOS DO PODER

PARTE I – A COLONIZAÇÃO GREGA DA SICÍLIA

FILIPPE DO CARMO

Universidade de Lisboa
filcarm@gmail.com

Resumo

A uma rutura nos equilíbrios políticos da Sicília cerca de 500 a.C. subjaz um contexto resultante da colonização grega nos 250 anos precedentes e de uma relativa estabilidade da presença cartaginesa no extremo ocidental da ilha. À implantação calcídica, que terá privilegiado aspetos estratégicos relacionados com o controlo do estreito de Messina, contrapõe-se a colonização dórica, mais centrada na exploração agrícola e revelando uma maior agressividade face aos precedentes habitantes, que se veem obrigados a recuar para o interior da ilha. Tal como sucedeu na Grécia Continental e na Ásia Menor, a agressividade expansionista tende, na Sicília, a fazer surgir tiranos cujo poder, constituído ao arremio das instituições cívicas, necessita de ser legitimado. O facto de as póleis sicilianas terem origem colonial dá-lhes contudo uma nova dimensão.

Palavras-chave: Grécia arcaica; colonização grega; tirania; ideologia do poder.

Abstract

A rupture in the balance of political forces occurred in Sicily around 500 BC. Underlying this rupture there existed a context that resulted from the Greek colonization in the previous 250 years and the relative stability

of the Carthaginian presence on the western tip of the island. The Calcidian settlement, which had privileged strategic aspects related to the control of the Straits of Messina, was contrasted by the Doric colonization, more focused on farming and revealing a more aggressive view towards the previous inhabitants, forced to retreat to the inner land. As had happened in Continental Greece and Asia Minor, the aggressiveness in expansion tends, in Sicily, to give rise to tyrants whose power, made in defiance of civic institutions, needs to be legitimized. The fact that the Sicilian poleis were colonial in origin, however, gives them a new dimension.

Key-words: Archaic Greece; Greek colonization; tyranny; ideology of power.

1. Introdução

O ano 480 a.C., ano da batalha de Salamina e um marco significativo para a civilização grega, foi igualmente marcante na perspectiva da evolução política interna da Sicília. Foi nesse ano que, após uma forte ameaça cartaginesa na costa norte da ilha, ocorreu a batalha de Hímera, vencida por Gélon, o tirano de Siracusa, que tinha acorrido em socorro do seu homónimo de Agrigento, Téron, o qual defendia a cidade que tinha aquele nome. A batalha terminou com uma vitória esmagadora dos tiranos e dela resultou, a curto prazo, uma divisão da Sicília em quatro blocos políticos¹:

- O bloco cartaginês, situado no canto ocidental, incluía as cidades de Panormo, Solunte e Mótia e exercia domínio político sobre um enclave elímio, culturalmente helenizado (cidades: Segesta, Érix e Entela), e a cidade grega de Selinunte
- Os Dinoménidas de Siracusa, que controlavam Naxos, Leôncio, Cátana e Camarina
- Os Eménidas de Agrigento, que controlavam Gela e Hímera
- Os Anaxiladas de Régio que exerciam o seu domínio sobre Zancle-Messina

De facto, convirá ainda considerar um quinto bloco, constituído pelas populações sículas (a não confundir com os Sicanos, os primeiros habitantes conhecidos da Sicília, que se encontravam no interior do

território correspondente ao bloco cartaginês e do território de Agrigento) que habitavam o interior da ilha, já parcialmente helenizadas e sujeitas, desde o início da colonização, ao expansionismo grego. Estas populações viriam em breve a dispor, embora episodicamente, de liderança (Ducécio) e de um projeto político.

A diferença essencial em termos de equilíbrios políticos relativamente à situação que precedeu imediatamente a batalha de Hímera estaria em que o antagonismo entre gregos e púnicos² deixara de ser a sua determinante principal, sendo substituído pela oposição entre Siracusa e Agrigento. Teríamos assim um antagonismo entre blocos políticos de origem dórica onde antes havia aliança; um domínio dórico (Siracusa) sobre cidades de origem calcídica (Naxos, Leôncio e Cátana, situadas na costa oriental a norte de Siracusa); e uma relativa estabilidade no designado bloco cartaginês, já que Hímera (adjacente a este bloco, na costa norte), agora sob domínio dórico, era originariamente uma cidade calcídica, portanto jónia.

A este quadro complexo, onde entram diversas alianças e antagonismos, que num período de tempo relativamente limitado se refaz de um modo que Asheri tende a classificar de radical, subjaz uma complexidade que se construiu ao longo de mais de dois séculos e que não pode ser ignorada quando se pretende identificar os principais vetores de atuação no domínio ideológico, nas primeiras décadas do século V a. C., das três tiranias sicilianas com sede em Agrigento, Gela-Siracusa e Régio-Estreito de Messina. Ou seja, de modo mais específico, os períodos de poder de Téron (Agrigento), Gélon e Híeron (Gela-Siracusa) e Anaxilas (Régio).

2. Expansão colonial no período arcaico

Com o mapa da Sicília da figura 1, apresentado na página seguinte, pretende-se representar aproximadamente as áreas de predomínio político das diferentes colónias num momento que antecede imediatamente as conquistas de Hipócrates ocorridas nas primeira e segunda décadas do século V.

Note-se que a área central da ilha, que no mapa não se encontra colorida, correspondia às ocupações indígenas dos Sículos (centro-oriental) e dos Sicanos (área entre Agrigento e Hímera).

Figura 1
Sicília – Áreas de influência política (cerca de 500 a.C.)

- Em primeiro lugar, a área de colonização calcídica que incluía a zona adjacente da costa norte de Himera a Zancle (Messina) e a costa oriental desde o estreito de Messina até um ponto um pouco a sul de Cátana e Leôncio.
- Na costa sul e no canto sudeste as áreas de colonização dórica, com os territórios de Agrigento, Gela e Siracusa separados pelos rios Salso (Agrigento/Gela) e Dirillo (Gela/Siracusa); entre Siracusa e Leôncio situava-se o que teria sido um pequeno enclave que incluía a cidade megarense de Mégara Hibleia.
- O canto ocidental, que provavelmente coincidia com o bloco cartaginês definido por Asheri.

2.1. A colonização calcídica

A colonização calcídica da ilha tem início cerca de 735/730 a.C. através da fundação das cidades de Zancle, Naxos, Cátana e Leôncio, e começa por estar ligada a Pitecusa e Cumas, colónias situadas mais a Norte, na atual baía de Nápoles, e cuja fundação encontrou a sua justificação nas motivações comerciais de Cálcis e Erétria, as duas metrópoles eubeias. De facto, as fundações de Zancle e Naxos, sem áreas interiores agrícolas dignas de nota, estão claramente relacionadas com objetivos estratégicos, concretamente o controlo do estreito de Messina, e é só

com Cátana e Leôncio, de qualquer modo com fundações contemporâneas às daquelas duas, que é visível uma preocupação com a produção agrícola (provavelmente em conexão com o abastecimento das outras duas colônias³ e talvez mesmo Pitecusa e Cumas)⁴.

A expansão posterior destas primeiras colônias calcídicas na Sicília parece ter sido feita para oeste, com a fundação de Milas em 716 a. C. e Hímera⁵ em 648 a.C. por Zancle (há ainda uma referência a uma fundação fora da Sicília, na Calábria, da cidade de Metauro, em 650 a.C.), e com um avanço progressivo de novos colonos para territórios habitados por Sículos a partir de Cátana e Leôncio. A fundação de Milas teria tido como objetivo o abastecimento de Zancle e/ou vigiar a aproximação de navios indesejáveis ou ainda servir de abrigo quando a navegação no estreito apresentava dificuldades. Quanto a Hímera, bastante mais a oeste e já muito próxima do território elímio e púnico-fenício, o seu estabelecimento teria como objetivo, segundo alguns a demarcação de território com aquelas populações no sentido de garantir uma futura ocupação de toda a costa norte que separa a cidade do estreito, segundo outros o estabelecimento de um porto de mar que permitisse o comércio com a Península Ibérica⁶.

Da expansão de Naxos e Leôncio são conhecidas por fonte literária⁷ a fundação de Calípolis e Eubeia, respetivamente. Mas os testemunhos arqueológicos acabam por ser os mais significativos na caracterização da expansão calcídica a oeste de Cátana e Leôncio, que surge como pacífica, não afetando a independência dos povoados sículos que encontra nas suas vias de penetração. Aliás nem sempre é possível provar por via arqueológica a existência de estabelecimentos gregos nestas áreas, mas não ficam dúvidas sobre a importação de grandes quantidades de produtos gregos, o uso do alfabeto calcídico (meados do século VI a. C.), a produção pelos locais de artefactos, nomeadamente esculturas, de estilo grego, o que tem sido interpretado como sinal não só de progressiva helenização mas também de coexistência pacífica. Grammichele e Morgantina, situadas em colinas nos limites da planície de Leôncio, terão sido exemplos de estabelecimentos em que Gregos e Sículos viveram lado a lado já no século VI mas que estiveram entre os primeiros afetados por uma atitude diferente décadas mais tarde por parte dos gregos de extração dórica vindos da costa sul da ilha.

2.2. Siracusa

De acordo com Tucídides⁸, os Coríntios que fundaram Siracusa em 734 a. C. tiveram que lutar com os Sículos locais para se instalar na ilha de Ortígia. Esta atitude hostil acabou por se revelar um caso não isolado, tendo prevalecido ao longo do período de expansão da cidade. Manifestou-se em primeiro lugar na redução a um estatuto servil dos sobreviventes sículos vencidos – os *kiliriói* – obrigados a trabalhar nas terras dos ricos proprietários siracusanos – os *gamorói*. Afirmou-se depois no próprio *modus operandi* da expansão territorial, em que o avanço se processou através da criação de postos militares em locais estrategicamente escolhidos para permitir a esterilização económica dos grandes centros sículos do interior.

A expansão de Siracusa, condicionada a norte pela existência das cidades gregas de Mégara Hibleia e de Leôncio, deu-se primeiro para oeste, através dos vales dos rios Anapo e Ciana e conduzindo à criação de Acras, uma primeira sub-colónia fortificada, em 663 a. C. (a que se seguiu uma segunda – Casmenas – 20 anos depois e cujo termo foi a fundação de Camarina na costa sul em 598 a. C.), depois ao longo da costa, no sentido sudoeste, culminando com a fundação de Eloro, na foz do rio do mesmo nome, ainda antes de 600 a. C.

Enquanto Acras, Casmenas e Eloro eram sobretudo postos militares fortificados, cuja fundação se deveu à mera iniciativa de Siracusa e que estiveram sempre na estreita dependência da pólis, Camarina, que contou com o apoio de Corinto e teve *oikistas* (fundadores de colónia) próprios, revelou-se diferente. Com um porto de mar razoável e no meio de uma área agrícola fértil, os habitantes de Camarina terão compreendido que a sua existência dependia de melhores relações com os seus vizinhos mais próximos⁹ e sobretudo com os habitantes de Hibla Hereia (atual Ragusa), um povoado sículo situado no interior a cerca de 30 km.

O desenvolvimento destas relações com os indígenas terá permitido aos colonos a exploração agrícola do fértil triângulo delimitado pelos rios Ippari e Dirillo, este último passando a constituir fronteira com a vizinha pólis de Gela, situada a noroeste de Camarina. Conduziu contudo a choques com Siracusa e mesmo a uma revolta aberta contra a cidade-mãe em 553 a. C., ocasião em que os Sículos lutaram do lado da subcolónia. Após a batalha de Hirmino, em que Siracusa derrotou a coligação, o seu domínio sobre o canto sudoeste da ilha tornou-se incontestado e colocou-a em contacto direto com Gela.

2.3. Gela

A fundação da cidade por cretenses e ródios, segundo as fontes literárias, teve lugar em 688 a.C. Os colonos, de extração dórica, terão dado quase imediatamente mostras, a exemplo do seus vizinhos de Siracusa, de que não estavam dispostos a lavrar os seus campos sob o que eles consideravam uma ameaça. É o caso da conquista de Butera, uma localidade situada relativamente próximo de Gela, que teria sido arrasada e os seus habitantes mortos, expulsos ou escravizados. Não haveria além disso quaisquer indícios arqueológicos nos estabelecimentos gelanos de presença indígena, cuja existência terá sido materialmente muito pobre, sem meios de afirmação cultural e artística¹⁰. Esta situação de *apartheid* radical não é, contudo, confirmada mais recentemente por outros autores¹¹.

Outros povoados – Monte Bubbonia e Monte San Mauro – são apresentados como dois locais estratégicos em que os gelanos, de modo também semelhante ao seus vizinhos de Siracusa, edificaram duas fortalezas que dominavam e controlavam os caminhos para o interior do seu território¹². Em momentos não exatamente determinados de meados do século VI a.C., estes gregos teriam atacado e destruído os estabelecimentos indígenas que os precederam nesses locais, edificando as suas fortalezas, construindo as suas bem caracterizadas casas e templos, estabelecendo assim bases para um futuro avanço para outros territórios. A proximidade de povoados como Grammichele mostra que o avanço poderia vir a ter como objetivo território com componente populacional calcídica. Dados arqueológicos mais recentes terão conduzido outros autores a moderar este tipo de conclusões e, em particular, surgiram dúvidas sobre uma das vias de penetração acima referidas, a zona alta do vale do Maroglio, em que está incluído Monte San Mauro. Esta zona constituía provavelmente uma área de relações comerciais com o território de Leôncio e talvez com o de Camarina, não sendo claro se a nível político prevalecia a influência gelana ou a calcídica¹³. Por outro lado, alguns dos vestígios arqueológicos de origem grega encontrados em Monte San Mauro têm grandes semelhanças com os da acrópole de Gela, embora haja outros, referidos como claramente arcaicos, de proveniência indubitavelmente calcídicos¹⁴. É o caso de uns fragmentos em bronze de um código legal que incluía disposições sobre a aplicação de multas monetárias em caso de assassinio e que têm sido interpretados como partes do código de Carondas, um legislador natural de Cátana que

viveu no século VI a. C. Este código, escrito em dialeto jónico e alfabeto calcídico, terá sido aplicado em todas as cidades calcídicas da Sicília.

Não obstante tais opiniões moderadoras, é inegável contudo o contraste da colonização gelana com o tipo de povoamento prevalecente em território de domínio político calcídico, em localidades como Grammichele, Morgantina e Licodia Eubeia, em que calcídicos e Sículos viviam lado a lado. Aliás também a caracterização como pacífica da colonização calcídica tem vindo a encontrar vozes moderadoras, que apontam aspetos da respetiva agressividade¹⁵.

As duas fortalezas acima referidas (a de Monte San Mauro seria de construção tardia, provavelmente a seguir à conquista de Hipócrates) não são casos isolados da construção do poderio militar gelano. Elas foram precedidas de outras construções do mesmo tipo mais próximas da costa e de outros estabelecimentos coloniais dotados de boas defesas, sinais de hostilidades e resistências que tiveram que ser superadas, de conquistas que foram levadas a cabo. Mas o principal obstáculo à expansão da pólis haveria de resultar da sua iniciativa, com a criação da sua própria colónia, Agrigento. Esta, de facto, criada em 580 a. C., privilegiou desde então uma via de expansão que atingia a margem direita do rio Salso, o qual constituía o limite noroeste do território gelano. A partir de então os caminhos menos condicionados para Gela pareciam ser os do interior, na esteira de Monte Bubbonia e Monte San Mauro.

2.4. Agrigento

Segundo alguns autores¹⁶, Agrigento terá muito provavelmente sido uma colónia conjunta de Gela e de Rodes, e não uma mera subcolónia de Gela, com um *oikista* de cada uma das cidades. A expansão da cidade, de qualquer modo, seguiu o modelo gelano da construção de fortificações nas colinas de modo a controlar as linhas de povoamento ao longo dos vales. O seu território estabeleceu-se entre os rios Salso, como referido, e Platani, na foz do qual se encontrava a colónia selinuntina de Heracleia Minoa. O povoamento indígena encontrado nas suas vias de expansão era predominantemente sicano.

Ao longo do Salso, a primeira posição importante ocupado pelos agrigentinos terá sido Monte Saraceno, que teria tido presença anterior grega, provavelmente de Gela. Mais a montante, as escavações em Gibil Gabib parecem indicar presença agrigentina a partir do 3º quarto do século VI a.C., mas sempre com uma presença indígena significativa ao longo desse século.

Logo a norte de Gibil Gabib, as povoações de Sabucina e Capodarso, embora eventualmente sujeitas ao poder político de Agrigento, terão permanecido maioritariamente indígenas no decurso do século VI a. C. Neste ponto a expansão agrigentina parece ter-se orientado para oeste até atingir o alto vale do Platani e só o descendo posteriormente no sentido de Heracleia Minoa, que apenas terá sido conquistada nos primeiros anos do século V a.C.

Teria assim havido um período inicial de oposição entre Agrigento e Gela, à semelhança do referido entre Camarina e Siracusa, a que terá sucedido uma fase de choques com os selinuntinos que ocupavam o território a oeste da pólis. Finda no entanto esta última fase os agrigentinos, já no período de Téron ou imediatamente antes, terão privilegiado a expansão no sentido norte, a qual, com este tirano, os haveria de levar até Hímera¹⁷.

3. Poder e ideologia

A imagem corrente do tirano é a do déspota, o monstro que exerce um poder absoluto sobre a população e capaz das maiores atrocidades. O conhecimento da História da Grécia Antiga revela-nos que tal imagem é exagerada, inapropriada, de nenhum modo compatível com uma realidade que mostra frequentemente o tirano como defensor dos pobres contra a aristocracia latifundiária, alguém que conquista o poder para promover uma melhor distribuição das terras e a abolição das dívidas. Um maior rigor de caracterização, recorrendo à abstração de casos particulares, conduz-nos a ver no tirano tão só o detentor de um poder político ilegítimo, não sancionado constitucionalmente.

A exemplo do que aconteceu na Grécia Continental e na Ásia Menor grega, não faltaram tiranos na Sicília colonizada pelos helénicos. Panécio, o primeiro que a História registou, terá tomado o poder em Leônccio na penúltima década do século VII a. C. e ter-se-á notabilizado por defender as classes populares contra os abusos da aristocracia. Fálaris de Agrigento, porventura o melhor exemplo siciliano do tirano-déspota, presidiu aos destinos da colónia quase desde a sua fundação no início do século VI a. C., tendo tido certamente um papel fundamental na agressividade expansionista que a caracterizou na primeira metade desse século. Este e outros tiranos da Sicília partilharam com os seus homólogos continentais a preocupação com a legitimação do poder que exerceram, senão mesmo o delineamento das estratégias e das ações que conduziram à respetiva

conquista, em particular aquelas que relevavam do domínio ideológico. Mas o facto de as pólis sicilianas terem origem colonial dá-lhes, relativamente às do Continente, uma nova dimensão, precisamente do ponto de vista da justificação ideológica do poder. De acordo com o estudo efetuado em 1998 por Carol Dougherty sobre a fundação de uma colónia, esta fundação poderá ser interpretada como ato purificador de uma grave transgressão.

Assim, a sumariação do modelo narrativo básico dos contos de colonização como uma sucessão “crise / consulta oracular / fundação colonial / resolução da crise” numa perspetiva antropológico-religiosa tem um lugar central nesse estudo, em que a autora se apoia nos trabalhos de, entre outros, a antropóloga Mary Douglas e o antropólogo e historiador Jean-Pierre Vernant¹⁸. A crise pode ter origem num assassinio, como o de Actéon por Árquias (o fundador de Siracusa), conforme narrado por Plutarco¹⁹, ou noutro tipo de crise interna numa cidade, como em geral a dissidência política ou, num caso mais particular, a negação de direitos civis a uma parte da população²⁰. A crise, seja qual for a sua origem, tem um impacto social (ao assassinio acima referido de Actéon seguiram-se uma seca e uma epidemia em Corinto; atente-se a um exemplo mais conhecido, embora noutro contexto, o da epidemia enviada por Apolo na sequência da ofensa ao seu sacerdote Crises por Agamemnon, logo nos versos iniciais da *Ilíada*) e solucioná-la requer uma consulta oracular, o mais das vezes ao Apolo Delfico, que determina a causa e aponta a solução: o estado de impureza que atingiu a comunidade só poderá ser superado se uma dada ação purificatória for levada a cabo.

Purificar é separar, ficar com o que é melhor (o que é limpo, positivo, benéfico) e desembaraçar-se de, expulsar, o que é pior (sujo, negativo, prejudicial). O processo de purificação da comunidade pode ainda ser visto como ajuda à vítima e como punição do transgressor que, de acordo com a lei, terá de ser afastado, isto é, enviado para o exílio. E é aqui que os mitos de purificação se cruzam com as tradições coloniais e que o Apolo purificador (Foibos) é visto como Apolo colonizador (Arquégeta). O exílio é o ímpeto para a fundação de uma colónia e aquele que traz consigo a impureza, o que transgrediu, o que passou a barreira entre os mortais e os deuses, entre o profano e o sagrado, adquire uma qualidade positiva, transporta para a nova colónia um poder religioso²¹ que vai ser essencial na sua organização. O fundador vai dividir o território nas diferentes componentes cívicas e tem que garantir que as adequadas fronteiras entre tais componentes são estabelecidas e observadas: fronteiras entre o sagrado

e o profano, entre os membros individuais da colónia e entre os habitantes gregos e os indígenas. Em particular, as confrontações com as populações locais podem ser violentas, conduzir a derramamento de sangue, evocam novas transgressões, mas estas são quase sempre omitidas nas narrações coloniais porque o fundador assassino toma para si a impureza, e o sistema religioso criado com a fundação absorve, expia a violência. O fundador virá posteriormente, após a sua morte, a receber honras de herói, de imortalidade, e a cidade, através do culto do fundador – celebração cívica e não pessoal que comemora um assassino enquanto herói fundador – apropria-se do poder sagrado associado ao ato purificador. A criação da nova cidade teve sucesso, a purificação chegou ao seu termo, a vítima está acalmada, vingada, a ordem regressa à cidade de origem.

*
* *

Ora os tiranos sicilianos são gregos, conquistaram o poder em uma ou mais colónias e, como referido acima, veem-se confrontados com a necessidade de justificar, legitimar o poder que detêm, que reforçaram ou pretendem ampliar. Um poder que é não constitucional, que resulta de uma transgressão, eventualmente com efusão de sangue. Se o paralelo com o *oikista* for bem estabelecido, o tirano crê poder partilhar do seu estatuto. Se os resultados da sua ação forem tidos como benéficos pelos cidadãos, mesmo quando requerem o recurso à violência, serão assimilados aos de uma fundação colonial. A transgressão adquire a qualidade positiva, passa a ter carácter sagrado.

Naturalmente o modelo da narração colonial não esgota o universo das crenças em que o tirano se apoia – e isso aplica-se à generalidade dos detentores do poder – para, através de instrumentos de ação ideológica, legitimar o seu poder. Há que manter presente que são inúmeras as razões suscetíveis de ampliar o prestígio de um governante, como variadas poderão ser as vicissitudes que o afetem negativamente. No caso grego, a associação a antepassados prestigiados, a descendência de deuses, as vitórias em competições pan-helénicas. Estas, em particular, sendo em si grandes feitos, confirmam que as ascendências reivindicadas são reais e que as riquezas necessárias para as conseguir são legítimas.

Carol Dougherty estabelece também um paralelo entre o fundador de uma colónia e o vencedor de Jogos pan-helénicos²². Ambos devem assumir

riscos e desenvolver esforços violentos para atingir o sucesso e no final um obtem a colônia como recompensa ou compensação, o outro a vitória. Os dois recebem honras imortais das suas respectivas cidades, o fundador através do respetivo culto de herói, o vencedor eventualmente através da fama da ode de Píndaro. De facto, na sétima ode olímpica, em que Tlepólemo, o fundador colonial de Rodes, é tomado como modelo para Diágoras de Rodes, um vencedor da modalidade de boxe nos Jogos de 464 a. C., Píndaro sugere que um atleta vitorioso confere poderes de tipo talismânico à sua cidade similares aos resultantes da ação do fundador e é assim merecedor de fama pelos sacrifícios consentidos para atingir a vitória. A competição, constituindo um ato de transgressão, *providencia o contexto ritual para a acomodação e expiação da violência que é parte necessária de todo o ato civilizacional*.

Numa perspetiva próxima e que dá particular atenção ao aspeto económico-social, Nino Luraghi refere a estreita relação existente entre a prática agonística e a supremacia política na sociedade grega do final do período arcaico²³: “Entre os numerosos atletas que sabemos terem estado entre os cidadãos mais eminentes das suas cidades não faltam os aspirantes a tiranos; em particular, no século VI e no princípio do V, a corrida de quadrigas parece tornar-se o terreno em que se afrontam as grandes figuras que pretendem reivindicar ou justificar o próprio *leadership*: em primeiro lugar os tiranos Periandro de Corinto e Míron e Clístenes de Sícion e ainda as grandes famílias atenienses dos Filaidas e dos Alcmeónidas, mais tarde, nos primeiros anos do século V, os Dinoménidas e os Eménidas. Trata-se de uma especialidade simultaneamente arcaizante e moderna e como tal particularmente adaptada aos tiranos: ela evoca imediatamente, por um lado, modelos homéricos, por outro convém a personagens para os quais a prática agonística é um modo privilegiado para exhibir riqueza e poder”. O recurso às vitórias em corridas hípias como instrumento para chegar ao poder é ilustrado, em particular, por Luraghi, com o caso de Xenócrates, vencedor das corridas de quadrigas nos Jogos Píticos de 490 a. C., a que é dado amplo eco por Píndaro, na sua sexta ode pítica, endereçada a Trasíbulo, filho daquele. Ora acontece que Píndaro adverte, logo nos primeiros versos, que a vitória pertence a todo um grupo, precisamente os Eménidas, e refere explicitamente o tio de Trasíbulo, Téron, que haveria de tornar-se tirano de Agrigento dois ou três anos depois.

Luraghi também refere que o prestígio associado à vitória se estende à própria cidade do vencedor, tendo mesmo havido pelo menos três casos nos Jogos Olímpicos em que foi a cidade a concorrer lado a lado com

os indivíduos e a vencer na referida especialidade. Durante a tirania de Pisístrato e estando Címon exilado, este obteve uma vitória em Olímpia e, permitindo que fosse atribuída ao tirano, obteve deste a anulação do exílio²⁴.

Encontrada a via de aumentar ou defender o seu prestígio, de reforçar a legitimidade do seu poder, o tirano pretenderá dar-lhe publicidade, ampliar a sua importância. Os instrumentos ao seu dispor são múltiplos e variam desde os sacrifícios aos deuses e outras manifestações para os honrar – como procissões, manifestações teatrais, construções de templos – ao patrocínio de odes epinícias e outros textos de propaganda e às ofertas a santuários pan-helénicos e à exploração de motivos de emissões monetárias.

Notas

⁽¹⁾ ASHERI 1992, p. 147

⁽²⁾ De acordo com a expressão em ASHERI 1992, p. 147

⁽³⁾ De acordo com Tucídides (VI.3.1 e VI.3.3), Téocles, o fundador de Naxos em 734 a.C., é também o fundador de Leônício em 729 a.C..

⁽⁴⁾ Saída de uma aparente letargia que durou vários séculos, a Grécia do século VIII a.C. parece começar a afirmar-se pela via comercial. As cidades da Eubeia – Cálcis e Erétria – percorrem o Egeu, chegam às costas da Fenícia e da Síria, negociam em vários empórios, entre os quais se destaca Al-Mina. Artigos de luxo por um lado, metais por outro, terão sido as principais motivações de uma aristocracia que certamente terá prosperado nos últimos tempos da Idade das Trevas e que tem o hábito de resolver os seus conflitos através da guerra. É precisamente de uma guerra meio histórica meio lendária - a guerra Lelantina, travada entre aquelas duas cidades eubeias pela posse da planície que as separava – que vai gerar-se a supremacia de Cálcis e é neste contexto, favorecido pelo acesso privilegiado ao mar jónico através do istmo coríntio, que vai surgir a expansão grega a oeste. Primeiro com Pitecusa – ilha ao largo da costa que posteriormente será designada de napolitana e em que a implantação terá sido anterior à referida guerra e eventualmente terá contado também com elementos oriundos de Erétria – depois com a criação de Cumas – uma colónia situada na península italiana frente a Pitecusa – e das quatro colónias sicilianas acima referidas (cujas fundações deverão ter antecedido ou sido contemporâneas da guerra Lelantina). Significativa é também a fundação de Siracusa, na Sicília, desta vez por iniciativa de Corinto, precisamente um dos aliados de Cálcis na guerra, e cuja simultânea expansão para Oeste privilegia ainda a Cócira.

⁽⁵⁾ De facto, na fundação de Hímera participou também um grupo de exilados siracusanos, designados Miletidas, razão porque a língua falada na cidade era uma mistura de jónio e dórico; as instituições eram contudo calcídicas.

⁽⁶⁾ O interesse pela prata hispânica é referido num poema de Estesícoro (640-555 a.C.), poeta

lírico de Hímera que poderá ter nascido em Metauro, e que foi o primeiro a contar as aventuras de Hércules na Sicília Ocidental, embora já não exista nenhum fragmento que diga respeito à Sicília. Escreveu no dialeto dórico e foi também o primeiro a referir a fuga de Eneias de Troia que será posteriormente retomada por Vergílio.

⁽⁷⁾ Estrabão, 6.2.6

⁽⁸⁾ Tucídides VI.3.2

⁽⁹⁾ SJÖQUIST 1973, pp. 36-39.

⁽¹⁰⁾ SJÖQUIST 1973, p. 39.

⁽¹¹⁾ Em ROSS HOLLOWAY 2000 refere-se a conquista de Butera, mas sem substituição de população.

⁽¹²⁾ SJÖQUIST 1973, pp. 39-43.

⁽¹³⁾ LURAGHI 1994, p. 125.

⁽¹⁴⁾ ROSS HOLLOWAY 2000, pp. 91-92. Não são dadas pelo autor referências temporais precisas sobre tais vestígios arqueológicos.

⁽¹⁵⁾ É o caso em PROCELLI 1989, pp. 682-684.

⁽¹⁶⁾ LURAGHI 1994, pp. 22-23.

⁽¹⁷⁾ LURAGHI 1994, pp. 24-41.

⁽¹⁸⁾ DOUGLAS 1966 e VERNANT 1974, pp. 121-140 (*Le pur et l'impur*, texto inicialmente publicado em *L'Année sociologique*, 1953-54, Paris, pp. 331-352).

⁽¹⁹⁾ DOUGHERTY 1998, pp. 178-179.

⁽²⁰⁾ Carol Dougherty dá os exemplos dos Parténios, que deixaram Esparta para fundar Tarento, dos Fócios que organizaram uma expedição colonial para escapar à captura por um tirano, e da fundação de Cirene na sequência de agitação política em Tera; cita, por outro lado, Platão, quando este considera que aqueles que lideram insurreições ou provocam perturbações sociais são moralmente equivalentes a assassinos.

⁽²¹⁾ Carol Dougherty dá aqui também o exemplo de Tirésias que vê o que é proibido, Palas Atena no banho, e que por isso é punido com a cegueira; mas a punição reveste-se de elementos sagrados e Tirésias adquire o dom da profecia.

⁽²²⁾ DOUGHERTY 1998, pp. 189-194.

⁽²³⁾ LURAGHI 1994, pp. 240-241.

⁽²⁴⁾ Heródoto, 6,103.

Bibliografia

ASHERI David, «Sicily, 478-431 BC», in *The Cambridge Ancient History*, vol. 5, 2nd ed., 1992, pp. 147-170

BOARDMAN J. Tarsus, «Al Mina and Greek Chronology», in *JHS* 85, 1965, pp. 5-15

DOMÍNGUEZ MONEDERO Adolfo, *La Polis y la expansión colonial griega siglos VIII-VI*, Madrid: Ed. Síntesis, 1995

DOUGHERTY Carol, «It's Murder to Found a Colony», in DOUGHERTY; KURKE 1998, pp. 178-198

- DOUGHERTY Carol; KURKE Leslie (eds.), *Cultural Poetics in Archaic Greece: Cult, Performance, Politics*, New York, Oxford: Oxford University Press, 1998.
- DOUGLAS Mary, *Purity and Danger: An analysis of concepts of pollution and taboo*, London, New York: Routledge & Keegan Paul, 2005 [1966].
- LURAGHI Nino, *Tirannidi Archaiche in Sicilia e Magna Grecia: da Panezio di Leontini alla caduta dei Dinomenidi*, Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1994.
- PROCELLI Enrico, «Aspetti e problemi dell'ellenizzazione calcidese nella Sicilia orientale», in *Mélanges de l'Ecole française de Rome - Antiquité* T. 101, N° 2, 1989, pp. 679-689.
- ROSS HOLLOWAY. R., *The Archaeology of Ancient Sicily*, London: Routledge, 2000.
- SJÖQUIST Erik, *Sicily and the Greeks: Studies in the Interrelationship between the Indigenous Populations and the Greek Colonists*, Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1973.
- VERNANT Jean-Pierre, *Mythe & Société en Grèce Ancienne*, Paris: François Maspero, 1974.